

9

Conclusão geral

Este estudo teve como principal preocupação expor a fundamentação histórico – antropológica da teologia de W. Pannenberg e as interferências dessa fundamentação na relação ser humano e Deus. Para realizar tal empreendimento foi indispensável procurar compreender o conteúdo da problemática humana no que se refere ao transcendente e a forma concreta (histórica) que Deus usa para se dar a conhecer ao ser humano. As implicações da questão de fundo que nortearam, como bússola, essa pesquisa, são expressas nos aplicativos conceituais da teologia de Pannenberg em que deixa evidente um diálogo profundo e produtivo entre teologia, antropologia e história, bem como com as ciências naturais.

Para evoluirmos no aprofundamento da hipótese histórico – antropológica do teólogo em questão, foi importante não somente procurar conhecer a sua antropologia teológica, mas também os temas relacionados à história. Antropologia e história são como que duas paralelas que perfazem todo caminho teológico desse autor, sendo que as mesmas parecem confluír no desfecho final da história, *escaton*. Na verdade as denominadas paralelas constituem um efeito didático, pois na realidade haveria dificuldade de separar antropologia e história, uma vez que é na soma perfeita desses dois conceitos como realidade concreta da vida humana que se pode formular uma possível compreensão da revelação de Deus na economia salvífica. Caso desejamos falar de uma história abstenho-nos do ser humano isso seria impossível. Vale também o contrário. Não há como fazer uma antropologia senão tendo em consideração a fundamentação histórica. Ainda sem perder o argumento anterior, pode-se dizer que antropologia e história se elevam ao transcendente quando são abordadas pela teologia. A história se torna história da salvação e a antropologia adquire o *status* de teológica.

A antropologia, como dado contínuo da teologia de Pannenberg, pode ser vista como um dos pilares que sustenta o arcabouço de sua teologia e

não deixa de ser fundamental para compreender a sua argumentação teológica. O excesso antropológico, com forte acento na história, tão apregoado pelos leitores da primeira hora de *Offenbarung als Geschichte*, pode não passar de uma sensação de espanto de quem, por longos anos, havia vivido às sombras da teologia da palavra como revelação direta de Deus. Nesse sentido, uma das observações mais contundentes contra a teologia da revelação como história é que o Espírito Santo seria supérfluo para ela. Esse postulado será posteriormente reprovado, através de uma vasta e profunda pneumatologia, desenvolvida pelo teólogo luterano. Cinco décadas depois da polêmica publicação da obra de 1961 e, perfazendo o longo caminho do teólogo em questão, percebe-se evidente na sua teologia o devido lugar do Espírito Santo, bem como o esforço de sua investigação teológica em desenvolver uma antropologia aberta ao infinito mistério de Deus. O conflito citado acima parece não ter passado de um choque de paradigmas teológicos em que a nova abordagem obrigava o pensamento teológico a refazer o seu horizonte de interpretação.

A antropologia constitui um *medium* indispensável para a teologia de Pannenberg. É no solo da realidade humana que há como se falar da revelação divina. Ela é, por excelência, revelação das ações de Deus na história humana. Partindo de tal princípio, cabe ao ser humano ir captando os sinais da história e, para isso, nada melhor que o uso correto da razão, mediando um diálogo aberto com as demais ciências. O mundo manifesta a história de Deus que é também história do ser humano. Nesse horizonte de interpretação não há uma realidade sobrenatural e outra natural. Essa ideia integradora das duas realidades permite rememorar a metáfora dos dois caminhos usada por Heráclito. Entre eles não há contradição, pois o caminho para cima e o caminho para baixo são um único e mesmo caminho. É no percurso da vida como um todo, desde a criação até o fim da história, que Deus se revela ao ser humano e ele vai captando essa revelação. Nesse sentido, percebemos um esforço de nosso autor para corrigir a desproporcionalidade finito - infinito na relação homem-Deus. Se K. Barth

formula uma teologia de cunho fortemente vertical, Pannenberg, considerando o contexto secularizado, constrói uma teologia que leva em consideração a pessoa humana na sua subjetividade histórica. Ele tem clareza, assim como o viu Hegel, que a teologia da soberania de Deus, contrapondo absoluto e finito acaba anulando o próprio absoluto como tal.

O que fundamenta a teologia de Pannenberg é o argumento histórico – antropológico. De elaboração profunda e com fundamentos sólidos, a antropologia prepara o lugar humano para se debater com a devida seriedade o tema da revelação de Deus. O ser humano é visto como o centro da criação. Ele é o senhor que governa as coisas criadas, não como dominador ou explorador desordenado do mundo e das coisas, mas porque ele traz em si a imago Dei. Sendo imagem de Deus, o ser humano assume uma tarefa muito mais ampla e profunda: a de contribuir para a vontade de Deus acontecer no mundo. Ao carregar em si a imagem e semelhança de Deus, a pessoa deve ser compreendida como uma totalidade composta das dimensões corpo e espírito, sem nenhuma espécie de dicotomia, como um ser integral. É nesse contexto de totalidade integral que o ser humano assumirá a sua realidade de sujeito livre e consciente de sua individualidade.

O empenho de Pannenberg em fazer uma antropologia completa se mostra insuficiente quando se refere aos sentimentos e emoções. Sem desconsiderar a profundidade da elaboração de seu pensamento e a riqueza que o mesmo oferece para o conhecimento da doutrina cristã, sua teologia atribui pouco valor à experiência. A elaboração de seu pensamento fala do amor de Deus e do seu reino, mas de forma muito abstrata, pouco afetiva e experiencial. De um certo modo, o seu pensamento retrata o modelo fechado e frio da cultura na qual ele reside. Nesse sentido, ao nosso ver, a teologia latino americana ainda tem muito a contribuir ao pensamento de nosso autor.

Ainda no tema da antropologia, outro dado a ser considerado no pensamento de Pannenberg é o tema da liberdade. Se para muitos modernos a relação pessoa e Deus pode ser marcada pelo empobrecimento da liberdade humana, para ele quando o ser humano se descobre como

liberdade é que também se vê como necessitado de algo mais; de algo que está além de si mesmo. Nessa percepção de si, como alguém marcado por uma liberdade que não se restringe ao universo racional e filosófico, pois senão ela se faz insuficiente, a pessoa se lança para um horizonte que a ultrapassa. Ela se projeta como transcendência para a vivência da liberdade como abertura. Tal abertura coloca o ser humano em sintonia com o Absoluto, já que ele toma consciência de que é um ser para a liberdade. A plenitude da liberdade só é possível no momento em que o ser humano se vê marcado pela graça amorosa de Deus. Então, pode-se falar como o apóstolo Paulo “somos libertados em virtude da libertação oferecida por Jesus Cristo” (Rm 3,24). Conseqüentemente, a liberdade, no sentido cristão, é caracterizada pela comunhão com Jesus e pela participação na sua filiação junto do Pai. Vale retomar aqui o apóstolo dos gentios que diz: “na plenitude dos tempos Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher e sujeito à lei, para pagar a alforria daqueles que estão sujeitos à lei, para que nos seja dado ser filhos adotivos” (Gl 4, 4). Desse modo, a liberdade verdadeira permite ao ser humano superar a crise diante de si e diante de Deus, abrindo espaço para a reconciliação com Ele. Compreendida assim, a liberdade, como já dito, é fruto da graça, é dom do Espírito. Ela torna o ser humano plenamente livre e o faz participante da filiação de Jesus Cristo, porque somos filhos no Filho.

Não cabe pensar a realidade humana sem levar em consideração o ser humano na sua totalidade como pessoa e nessa totalidade emerge a transcendência como ato do espírito. O homem é um ser aberto, incompleto. Isso vale dizer que ele busca sempre mais e mais. Ao caracterizar a sua antropologia com fortes traços transcendentais, Pannenberg compreende o ser humano como alguém que é impulsionado por uma força que o projeta para um lugar indescritível. Esse lugar, não é nominável, pois nenhum nome seria suficiente para definí-lo. Tal lugar, porém, se faz presente na pessoa como dado do espírito. Transcendência e espírito, na dinâmica humana, lançam a pessoa em direção ao sagrado, ao divino. Somente no

entendimento da pessoa como espírito, consciência e transcendência, é que há condições de falar do ser humano como abertura para Deus. É pela Graça, que o ser humano está possibilitado de se elevar ao mais alto grau de perfeição, chegando à semelhança de Jesus Cristo. Na história de Jesus de Nazaré a pessoa se supra-assume e se livra de seus limites, atingindo seu destino de imagem e semelhança com Deus.

Todo o empenho teórico e científico de Pannenberg é para situar a antropologia em um lugar teológico. No esforço da elaboração e fundamentação científica, o autor busca demonstrar que a pessoa possui a dimensão religiosa como constitutivo natural. Pela elaboração dos conceitos de espírito, consciência, transcendência e liberdade, o teólogo luterano consegue fazer a passagem da pura antropologia para a antropologia teológica, ou melhor, ele formula uma leitura da antropologia numa ótica diferenciada. Nesse contexto, a história humana já é em si uma história teológica, em que Deus se faz presente nela. A antropologia se instaura no seu lugar ideal que é buscar as respostas mais fundamentais e profundas para a existência humana.

Para atingir o lugar religioso da pessoa, nosso autor faz uma leitura da história e da cultura, realidades em que a pessoa está situada. Não há como elaborar uma resposta para o anseio religioso da pessoa, sem fundamentá-la na história e na cultura. Por esse motivo, Pannenberg constrói um longo caminho histórico e cultural, para daí obter as respostas antropológicas para a sua reflexão teológica. Pode-se dizer, sem grande dificuldade, que o homem pannenberguiano é por natureza religioso e já traz em si tal realidade desde sua origem na criação. Uma afirmação constante em sua teologia é de que o ser humano foi criado a imagem e semelhança de Deus. Esse princípio, de antemão, pré-estabelece no ser humano um lugar especial no mundo e na natureza, uma vez que ele se constitui na cadeia das espécies, como uma singularidade, marcado pela razão e pela liberdade. No uso da razão e da liberdade, diferentemente do instinto animal, o ser humano possui uma direção vital, doada por Deus. Ele já visualiza uma meta que está posta

para ele, de tal modo a realizar em si o ser imagem e semelhança de Deus. É plausível dizer que a imago Dei, como traço característico da natureza humana permite à pessoa pensar o fim da realização de sua essência. Mesmo que a pessoa, como criatura, seja marcada por imperfeições, ela se vê em condições de superá-las através de sua abertura (como dom e graça) ao mundo e às coisas de fora dele. É nessa abertura ao mundo e ao fora de si que a criatura humana se encontra como consciência e como abertura a Deus. Nesse caminho, a pessoa busca um sentido mais profundo para sua vida e se abre ao transcendente e ao sagrado. Ela se vê como religiosa, e se vendo assim, deposita a sua confiança no absoluto, em Deus.

A experiência religiosa é essencialmente humana e histórica, sendo na história do ser humano que a mesma se revela. Mesmo que no mundo a experiência humana ainda não tenha atingido sua plenitude como dado religioso ou como experiência de Deus, ela já se faz fato consumado, realizado na pessoa de Jesus Cristo. Jesus é o protótipo do que o ser humano deverá ser como realização. Nele, a pessoa religiosa já vislumbra o seu destino a ser realizado e espera essa realização com toda sua confiança. A ressurreição de Jesus já traz ao presente humano de forma proléptica o que acontecerá no fim da história.

A realidade humana, na sua identidade, se descobre como abertura que é um traço fundamental de sua existência como consciência. Nesse processo, o ser humano se conhece como alguém que é possuidor de uma missão específica. Ele se descobre como alguém destinado a algo muito maior, destinado a Deus. Em Jesus Cristo o indivíduo se percebe como participante da filiação divina e da missão de Jesus. Como ele foi obediente ao Pai, cada pessoa também deve participar dessa obediência e do cumprimento de sua missão no anúncio do reino de Deus. Jesus, como encarnação, é a revelação da grande esperança humana. No amor do Pai manifestado em Jesus, o ser humano se vê libertado em sua liberdade e se encontra renovado na sua história. Agora, já se faz presente na pessoa, como revelação de Deus, o que ela será no futuro. Com a ressurreição de

Jesus dos mortos surge ao ser humano um horizonte escatológico, apresentado como uma possibilidade real. Dessa forma, a esperança humana já vislumbra a sua plena realização que será cumprida plenamente na eternidade.

Nosso autor coloca um grande acento na escatologia como esperança final para a vida humana. A sua teologia valoriza profundamente a história humana e toda cultura, propiciando ao ser humano experimentar a história como abertura para o transcendente e como esperança. Ele apresenta um mundo marcado pela esperança. É no mundo e na história que o ser humano deseja se realizar plenamente; e, por ser imagem de Deus, não se contenta com os puros fatos da cultura e da história, conseqüentemente, numa atitude impulsionada pelas forças do espírito, da consciência e da liberdade, se eleva até o mais alto de sua esperança. Em Jesus Cristo essa esperança é caracterizada como reino de Deus, salvação, *eschaton*. A sua reflexão atribui grande enfoque à esperança futura, uma vez que a realização definitiva do ser humano, como cumprimento da salvação escatológica e como esperança se dará na ressurreição definitiva, no fim da história. O futuro proposto por Pannenberg demonstra possuir um traço fortemente apocalíptico, momento em que o ser humano se depara com a solução para muitas questões. A pouca atenção aos novíssimos não é um traço somente do autor aqui trabalhado. Parece fazer parte do amplo contexto da teologia contemporânea.

No acontecimento escatológico, a pessoa encontrará alívio para suas angústias e misérias, alcançando a felicidade e a paz. Será o momento em que o ser humano experimentará de forma plena o amor de Deus já demonstrado a ele desde a criação. No ato revelador de Deus ao ser humano, a pessoa se verá também revelada a si mesma. No encontro criatura e criador, a palavra-chave para a entrada neste mistério definitivo de Deus será amor. Deus é amor.

Antes de encerrar as considerações conclusivas, cabe-nos retomar alguns pontos que geraram divergências na teologia do autor em questão.

Sabemos que um teórico, como o mencionado, mesmo depois de alguns anos de contato com sua obra não é tão simples de identificar lacunas consideráveis em seu pensamento, além das que alguns gigantes da teologia já identificaram. Entre as críticas feitas contra Pannenberg, a de racionalista, é a que muito ainda persiste. Essa crítica poderia adquirir algum peso caso o teólogo luterano não se desvencilhasse do reducionismo racional da filosofia moderna, sobretudo de Kant e Hegel. O seu diálogo com a razão moderna é mediado pela teologia clássica, bem como pela fundamentação bíblica, o que o impede de cair nas tramas do racionalismo. Se considerarmos a pessoa que usa a razão como meio para confirmar os dados da fé e para fundamentá-los com solidez (um racionalista), então Pannenberg é racionalista. Ao nosso ver a crítica atribuída a ele de racionalista não parece justa, pois a sua teologia não fica refém da razão moderna, seu pensamento dialoga de forma crítica com o racionalismo moderno, entretanto, fundamenta-se, sobretudo, nos dados bíblicos e nos santos padres.

O pensamento contemporâneo, contrapondo-se ao racionalismo moderno, levantou muita suspeita sobre o argumento racional, chegando a considerá-lo inadequado para se afirmar uma verdade, já que se vive uma época de grande incredibilidade na razão, mas qual seria o meio a ser usado para o ser humano formular as suas verdades? Percebemos que caberia um estudo mais aprofundado sobre a problemática da razão e as dificuldades que a racionalidade enfrenta no mundo contemporâneo, relacionando a mesma com o pensamento de Wolfhart Pannenberg.

Ainda sobre o tema da razão, cabe sinalizar para algumas questões que não tomaram parte de forma direta na temática desenvolvida, mas nos inquietaram durante o longo caminho da pesquisa. A primeira é o risco do uso excessivo da razão em que o esforço do conceito possa querer colocar Deus numa fórmula matemática, inclinação forte de céticos cientistas da atualidade, não parecendo ser o caso de nosso autor. Há o risco de estarmos diante de um dilema: de um lado o deslumbre da razão ou então o

enveredamento em um espiritualismo piedoso, dificultando assim, uma legítima reflexão das verdades teológicas.

A segunda questão pode-se dizer, a razão procura desvendar mistérios. Pannenberg, seguindo o pensamento moderno e possivelmente iluminado por santo Anselmo atribui substantivo valor à assertiva da fé pelo método da razão. O esforço de um conhecimento a *priori* (*propter quid*) mesmo que o almejamos, como pensava Tomás de Aquino, não se mostraria viável. Caso concebamos, como na escolástica, Deus como Primeira causa, só nos resta conhecê-lo a posteriori (quia). Há uma desproporção entre razão humana e causa infinita, caracterizando-se como imperfeito o nosso conhecimento de Deus. Não há dúvida, a fé reivindica o conhecimento, mas esse conhecimento, de certo modo, não alcança a plenitude do Mistério infinito. Ele é dom da revelação. O esvaziamento total do Mistério anularia a teologia no seu conteúdo, como também, anularia a condição de criatura do ser humano. A aproximação que Pannenberg faz da filosofia conceitual de Kant e Hegel contribui para o diálogo com a modernidade, entretanto, arrisca-se em enquadrar nos artifícios da razão conceitual o que na verdade é inefável. Esse não é um dilema somente presente em Pannenberg, mas caracteriza o risco de qualquer teólogo que procura imprimir um caráter investigativo e científico para a teologia, caso isso seja levado ao extremo. Pannenberg não nega que o conhecimento de Deus só é possível quando ele se autorevela (ST1, p.83), mas a ciência tem uma função crítica diante do processo revelatório. O atestado epistemológico (de caráter científico de universalidade) para a teologia é uma preocupação presente na obra desse autor.

Não há dúvida que o tema da história foi o que mais gerou polêmicas para a teologia aqui debatida. Tanto no processo revelatório de Deus quanto na antropologia ele provocou dificuldades. É na história que Deus vai se tornando Deus. É também no viés histórico-antropológico que a cristologia de Pannenberg encontra algumas dificuldades. O traço racional da sua teologia fez Barth perguntar se a cristologia de Pannenberg, precisamente no seu

conteúdo positivo seria outra coisa senão como costume em tantos novos padres da Igreja um exemplar evidente, um símbolo de uma antropologia, duma cosmologia ou duma ontologia pressupostas universais? Essa pergunta revela a insatisfação do teólogo da palavra diante do acento antropológico e histórico da cristologia de nosso teólogo.

Por fim, o tema da ressurreição de Jesus como um dado histórico não fica isento de questionamentos. Percebemos que o pensamento de Pannenberg parece conter uma incógnita, pois ao mesmo tempo em que ele reivindica um valor histórico para a ressurreição de Jesus, através das aparições do ressuscitado e do túmulo vazio, a sua cristologia fala da ressurreição como uma metáfora (cf. GC. p.70). Isso pode esvaziar o real conteúdo do termo ressurreição, atingindo inclusive o seu valor histórico tão reivindicado por ele.